



Assis de Mello¹

Hora Negra

(Às poetas Adriana Zapparoli, Célia Musilli
& Marcella Becker)

I.

Apagar labareda ante os olhos de um dragão
A tordoada manhã
de branca lamúria

Lesmas ruminam suas raspas
nas bordas difusas do atalho
por onde as sementes ondulam suas crinas
numa dança margeada de silício
e clarão

Um fantasma rodopia
camuflado
na bruma

Uma gota de esperma do pássaro azul
cai no massapê e se estatela

: a alma dos que não voarão
se estanca numa liga
de argila / carbono & borra

: vídia
âncora
cloaca de sombras

O declive / o arado / a emplumação de reticências
brotam como ilhas enfartadas
Dor num arquipélago de louça

II.

Sol entre nuvens

Dissipa-se / lenta
a morfologia do baço

Alguém racha lenha
nos fundos da vivenda

Varas no ar
fisgam escamas

&
alguns meninos empinam larvas
com seus corpinhos esticados sobre as pedras:
trocófora / véliger
zoea
megalopa

A mãe providencia a alforria da fumaça
A cor do albatróz
persegue o nimbo
& o céu se fecha

O figo não é um fruto
é um sicônio
Um jardim às avessas

: as flores estão por dentro
& a entrada
está
no
sul

III.

Varanda / rede
sol a pino
& a face maldita da gula

Uma gaiola de gafanhotos à espera do sacrifício
amarrada num arame
ao batente da porta

Explodem. Pipocam. Ricocheteiam
como dardos de mola
num couraçado

O arroz / o feijão
a salada presumivelmente bem lavada
de algum musgo eólico
a galinha cheirosa
dissolvida no porco
a banana

Um lagarto lambe o ar
uma teia laça a brisa
& as folhas taludas cavalgam um potro de vento

Dormir / dormir
Até os contornos se perderem

IV.

Quimeras

Uma esfera de metal
mais pesado que o chumbo
paira sobre os eucaliptos
e o barril de piloros / duodenos
e jejunos
Ar minguante. Traça obesa de vida fácil

Intuo uma corcunda tabela
dos elementos
de um Mendeleiev negro / de expressão inuit
com os pés espremidos nos sapatos

A cabeça se estica
como o aparelho bucal
de uma larva de libélula
ou a boca de certos peixes
que se presumem donos do mundo

Gira / gira
A cabeça não para

Bondes perdidos
aviões a tomar

Sóis verdes
Campos magenta
silos amarelos
que se dissolvem
e se refazem

Algarismos romanos / cifras egípcias
Um cortejo de gimnosofistas pelados /
alinhados / indianos
Uma retórica dos elementos
Um verso fundido no bronze
O oriente de Nerval
a mão

Mapas celestes da Caldéia
Cartas náuticas portuguesas
Os dedos / as narinas
as orelhas nos leprosários

As olheiras
Um barco emborcado no pico da neblina
Um dragão de pedra

Uma calça US Top

Napalm

Uma criança nua
a fugir das bombas

A cabeça se contorce
A cabeça pulsa
 Expande
 se contrai
como o corpo septado de um verme da terra
a cavar um túnel
num futuro enganoso

V.

A mim me bastaria / para passar um dia
o oceano contido num espelho d' água

Com isso
as hidras de pensamento viriam
por elas mesmas
disparar o gatilho do verbo
& a vida explodiria das águas
mais uma vez

Cirro-cúmulo
Bastariam alguns flocos de nuvens
para criar um rebanho
uma fazenda / um condado
de uma próspera república
27 figueiras enfileiradas no horizonte

Se uma rã caísse n'água
os círculos
concêntricos
paririam uma dinastia chinesa
com suas sedas
bambus
solidões de rios
& uma retórica dos elementos

VI.

O cerne do dia dança melhor
a partir desta hora
 quando a verdura se prepara
para o falo do sereno
antes de se fender ao falo
dos que não têm sombra

 as músicas se invertem
 uma nova cosmogonia
se instaura

Brisa fresca
andorinhões / revoada de cupins

 Ainda
o silêncio
dos sapos

Lento
abandono a exúvia dos subterfúgios
 - lona que hermetiza
 a carga -
para vestir meu pelame escamoso
de lobo / dragão / mandrágora
livre como um diabo de paina
translúcido radiolário
 de gelo

VII.

O uivo
antes da fera:
libertá-los

O hálito
o almíscar:
dar-lhes vento

- enfim
o escuro

Garras
Dentes
Sabre

Sabe a noite a que veio:
negra / não interpela

embala o cosmos
em seu útero de piche

compreende os segredos
que a claridade oculta

Dionísio é mais feliz agora
que o híbrido / o mosaico
o ginandromorfo
têm fala

Poderás cuspidar teus ossos
radiar tua simetria
emanar como todos os bichos
& escalar como qualquer liana
em sincronia

& poderás também ser pedra
uma planície calcárea
ovo de mamífero
teta de ave
umbigo de musgo
uma guelra / absinto / colóide pulsátil
que a noite é complacente
como os ricos de espírito
& o desdobrar

Queres escrever
um ensaio sobre a inundação?
A devastação?
A extrusão de excremento?
Faça-o de dia

que a noite
são os dedos de uma freira

Ela acolhe
quem teve as últimas virtudes
desfiadas num hospício
abraça a solidão
dos realistas

é a única que enterra
o último coveiro

Dama negra de vulva labiosa-
ela está para a ardência
como a hemácia
para o sangue

Em seu túnel de barro cósmico
outras vulvas
suplicam
os falos latejam
possuídos pelo gene ancestral
que preparou o advento dos que nascem
sabendo sugar

[um Priapo em tons de zarcão
é seu consorte
polilépede]

Por isso as vertentes das ravinas fazem água
quando as quintessências saem da toca
e o verbo se desdobra

Hora de ladrar com as salamandras
jorrar galáxias

fazer da eminência do grito
um estrondo

¹ Assis de Mello é o nome literário de Francisco de Assis Ganeio de Mello, natural de Piracicaba, São Paulo. Biólogo, mestre em zoologia e doutor em biologia / genética. Foi pesquisador convidado na Academia de Ciências Naturais da Filadélfia e atualmente, desde 1992 é docente no Instituto de Biociências da UNESP- Campus de Botucatu, onde desenvolve pesquisa em Sistemática e Evolução de insetos. Tem várias participações em antologias coletivas e em revistas literárias como: Celuzlose, Cronópios, Diversos Afins, Gérmina, Jornal de Poesia, Mallarmagens, Suplemento Literário de Minas Gerais e Zunái. Atreve-se também na fotografia e na pintura. Em 2010, publicou seu primeiro livro, "Na Borda da Ilha", Lumme Editor, 183 pp. Há outros em andamento. Mantém o blog "Coisas do Chico" (<http://coisasdochico.blogspot.com>)
gryllus57@gmail.com

Recebido: 04.12.2013

Aprovado: 15.12.2013